



Por uma constituição de uma fortuna crítica da *Revista Moderna* (1897-1899)

For a Constitution of a Critical Fortune of the Revista Moderna (1897-1899)

Andreza dos Santos Flexa

Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto Federal do Pará (IFPA - *Campus Marabá Industrial*), Marabá, Pará / Brasil

andsflexa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5556-1441>

Resumo: O objetivo do presente artigo consiste na constituição de uma fortuna crítica da *Revista Moderna*, propriedade de Martinho Arruda Botelho, publicada em Paris para circulação no Brasil, entre os anos de 1897 e 1899. Trata-se de uma revista literária e de variedades, um magazine ilustrado produzido em papel *couché*, com aproximadamente 36 páginas, que possibilitou a circulação e difusão de textos de diversos autores, antes mesmo de terem sido impressos em livros, como no caso do conto “José Matias”, de Eça de Queirós. Para tanto, foram realizadas pesquisas nas fontes primárias que circularam no mesmo período em que a *Moderna*, além da busca por monografias, dissertações, teses, artigos e outros materiais que fizeram uso da referida revista como objeto de estudo ou fonte de dado. Com essas informações, foi construído um banco de dados valioso, o qual permitirá aos interessados em pesquisas com fontes primárias uma visão geral do que foi e continua sendo dito sobre a *Revista Moderna*.

Palavras-chave: século XIX; *Revista Moderna*; fortuna crítica.

Abstract: The purpose of this article is to constitute a critical fortune of *Revista Moderna*, owned by Martinho Arruda Botelho, published in Paris for circulation in Brazil between the years 1897 and 1899. It is a literary and variety magazine, an illustrated magazine produced on paper *couché*, with approximately 36 pages, that allowed the circulation and diffusion of texts of several authors, even before they were printed in books, was the case of the short story “José Matias”, from Eça de Queirós. For this purpose, researches were carried out on the primary sources that circulated in the same period as *Moderna*, besides the search for monographs, dissertations, theses, articles and other materials that made

use of the journal as an object of study or data source. With this information, a valuable database was built, which will enable those interested in primary source research to have an overview of what has been and is being said about *Revista Moderna*.

Keywords: 19th century; *Revista Moderna*; critical fortune.

1 Introdução

O século XIX viveu um período de intensa circulação de impressos entre a Europa e o Brasil, marcado pelo aprimoramento da tecnologia gráfica, da evolução dos meios de comunicação, de transporte e pela expansão do público leitor. (ABREU, 2011, p. 121). Contudo, a impressão e circulação de bens culturais no início do XIX eram controladas pela censura régia, que temia discursos “sediosos e incendiários”, que intentavam “perturbar a harmonia estabelecida em todas as ordens do Estado e introduzir a anarquia” (BARBOSA, 2010, p. 39).

Com a *Impressão Régia*, o número de impressos no Brasil aumentou e a circulação da cultura transatlântica se tornou uma prática regular que, apesar da censura e do controle sob os impressos, aos poucos foi ficando acessível a um público mais amplo e ávido por informações.

A partir de 1821, com a criação do decreto de abolição da censura, ampliou-se o número de periódicos brasileiros, editados no país e em outras províncias. Porém, o controle sobre os impressos continuava e, em janeiro de 1822, D. Pedro proíbe o anonimato das obras, a fim de que houvesse um responsável pelo conteúdo (BARBOSA, 2010, p. 40). Em 1824, a Constituição declara que toda a responsabilidade dos abusos cometidos nos impressos deveria ser penalizada de acordo com a lei. Tal dispositivo passa a ser integrado ao Código Criminal, permanecendo até 1890 (BARBOSA, 2010, p. 41).

Nesse período de transição e de profundas transformações sociais, o desenvolvimento de periódicos intensificou-se quando os mais renomados jornais modificaram o seu formato. Assim, proliferavam, por exemplo, os periódicos ilustrados que, de acordo com Silva (2014, p. 205), “tiveram uma importância decisiva no intercâmbio cultural luso-brasileiro, funcionando como mediadores entre realidades diferentes”. Em suma, as revistas ilustradas viabilizaram a propagação das ideias e modas estrangeiras no país, pois favoreceram o diálogo e as trocas com a Europa e imprimiram em suas páginas questões políticas e culturais.

A *Revista Moderna*, por exemplo, apareceu em meio aos empreendimentos que surgiram para “estretar relações” entre brasileiros e portugueses e dar a conhecer a cultura de cada um desses dois países, em páginas luxuosas e repletas de ilustrações feitas pelas técnicas mais modernas do período, bem como, para satisfazer a “necessidade de uma informação completa e ilustrada, sobretudo o que atualmente interessa ao espírito público” (*Revista Moderna*, editorial, 1897, p. 1).

FIGURA 1 – Capa da *Revista Moderna*



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Fundada com capitais próprios e impressa na tipografia de *Paul Dupont*, com redação e administração em Paris, a *Revista Moderna*, criada por um editor brasileiro, iniciou suas atividades em um sábado, 15 de maio de 1897, circulando durante dois anos consecutivos, até abril de 1899, totalizando trinta números.

Pinheiro (2011) explica que, por conta do editor e administrador da revista residir em Paris, assim como outros importantes colaboradores os quais representavam a elite intelectual brasileira e portuguesa na França,

o local teria sido o escolhido para a publicação da revista. Contudo, para Elza Miné (1982 *apud* JARDIM, 2000), a publicação da revista em Paris se devia ao fato de a cidade contar com avanços técnicos para a publicação de gravuras com maior qualidade do que em outros locais.

Embora o destino da *Revista Moderna* fosse o Brasil, conforme mostra o editorial de estreia, a revista conectava culturalmente Portugal, França e Brasil, funcionando como um correio que prestava o serviço de mostrar “todo um Mundo a outro Mundo” (*Revista Moderna*, n. 1, 1897, p. 4). Seu programa era oferecer notícias e imagens que pretendiam constituir “resumos supremos, postos em curtas linhas e em finos traços, de vastos e complicados movimentos do Pensamento e da Ação” (*Revista Moderna*, n. 1, 1897, p. 4).

O periódico pretendia ser, segundo o editorial de estreia, “um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artística do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e ilustrada, sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico” (*Revista Moderna*, editorial, 1897, p. 1).

Para atingir esses objetivos, os editores apostaram em investimentos de ordem material em termos tipográficos, o que resultou na criação de um empreendimento com inovação e requinte gráfico, marcado pelo cuidado com a variedade e qualidade das ilustrações, bem como pela escolha de assuntos da atualidade, banindo do programa, por exemplo, as questões políticas e as lutas partidárias.¹ Essa preocupação em não fazer da revista um instrumento de divulgação político-partidária aparece na nota expedida na edição de número oito, publicada em 20 de outubro de 1897:

Recebendo constantemente do Brasil artigos tratando da política partidária, bem como retratos e ilustrações concernentes aos mesmos assuntos, declaro mais uma vez que a “*Revista Moderna*” sendo exclusivamente literária e artística, não pode nem quer admitir nas suas colunas a menor ingerência política. M. Botelho. (*Revista Moderna*, n. 8, p. 1).

A *Revista Moderna* tomou lugar entre as principais fontes de informações e entretenimento da época, “uma revista verdadeiramente moderna, um completo magazine pela variedade dos assumptos e uma

¹ Entretanto, não foi o que se constatou nas suas páginas, uma vez que as questões políticas e sociais apareceram em muitos momentos nas colunas da revista, sob um aspecto elegante, mas sem superficialidades, como foi o caso da coluna Atualidades e, logicamente, da Sumário Social e Político.

ilustração de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos” (*Revista Moderna*, editorial, n. 1, 1897, p. 1). A explicação para tamanho cuidado e organização apareceu em uma nota dos editores:

[...] o lado material que tão justamente impressiona o espírito público e que tanto agrada aos amadores de publicações artísticas e bem feitas, incumbe aos últimos e aperfeiçoados processos da typographia e da gravura. A variedade da nossa ilustração, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execução impecável da mesma, será o objecto da nossa constante atenção. Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo *magazine* pela variedade dos assumptos e uma *ilustração* de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos. A *Revista Moderna* – à parte a sua feição litteraria – é um *CORREO ILLUSTRADO* creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar entre as publicações da actualidade destinadas à Europa. (*Revista Moderna*, n. 1, 1897, p. 2, grifos do original).

Devido à revista se tratar de um suporte de variedades, adequado à propaganda e publicidade para a venda de produtos, a circulação dela favoreceu o aumento da crítica a obras e a escritores oitocentistas e, como essa revista circulava tanto no Brasil quanto em terras portuguesas, as críticas que estavam sendo lidas aqui e em Portugal podem ter sido reproduzidas por outros periódicos que circularam não só nesses dois países, mas também na França, Inglaterra, dentre outros, uma prática muito comum na época.

A ocorrência de uma seção na *Revista Moderna* só para reproduzir as notícias que saíam sobre ela nos periódicos em circulação nos mais diversos países, como o caso das publicações que saíram na revista francesa *Revue des Revue* e no jornal madrileno *La Época*, além das publicações brasileiras e portuguesas, é forte indício de que a crítica literária estampada na *Moderna* estava sendo lida não só no Brasil e em Portugal, mas também em muitos outros países.

Enquanto circulou, de 1897 a 1899, o periódico serviu como instrumento difusor de cultura, viabilizando a propagação das ideias e modas estrangeiras no Brasil e possibilitando a circulação e difusão de prosas de ficção antes mesmo de serem impressas em livros, fato que assume especial relevância à veiculação de ideias e opiniões acerca da referida revista.

Este estudo, no entanto, tem a pretensão de constituir uma fortuna crítica em torno da *Moderna*. Para tanto, a pesquisa foi realizada nas versões

digitalizadas de fontes primárias que circularam no mesmo período em que a *Revista Moderna*, sobremaneira, as que foram anunciadas na própria revista e encontram-se disponíveis nos acervos online, principalmente na Hemeroteca Nacional. Recorreu-se, ainda, aos sites das bibliotecas universitárias do Brasil e ao Banco de Dissertações e Teses da CAPES.

2 A recepção crítica da *Revista Moderna*

No período em que circulou, a fortuna crítica acerca da *Revista Moderna* se referia à recepção da revista, conforme se pode observar na informação extraída do jornal *O Estado de São Paulo*, publicado quinze dias após o aparecimento da *Moderna*:

Em Paris² vai ser publicada uma revista luso-brasileira denominada *Revista Moderna*. Será escrita em português e entre seus colaboradores estão os senhores Eça de Queirós, Domicio da Gama, Arruda Botelho e Luís Serra. (*O Estado de São Paulo*, 30 maio 1897).

Continuando com a recepção do novo empreendimento, a *Revista Brasileira*, sob direção do crítico literário José Veríssimo, anunciou o recebimento dos números iniciais da *Revista Moderna* no tomo XIII, de 1898:

Em Paris começou a ser publicada em maio do anno passado um interessante *magazine* ilustrado em portuguez, sob a direção do nosso compatriota Sr. Manoel Botelho. Tem o título, que plenamente justifica de *Revista Moderna* e conta entre os seus mais assíduos colaboradores, além do eminente romancista portuguez o sr. Eça de Queirós, alguns nomes estimados e queridos dos leitores da *Revista Brasileira*, como Domicio da Gama e Magalhães de Azeredo. Recebemos os primeiros números. (*Revista Brasileira*, jan. 1898, p. 112).

Nota-se com o excerto que a *Revista Brasileira*, além de informar sobre o aparecimento e circulação das edições da *Moderna*, apontou quem estava à frente desse “Correio Ilustrado”: o brasileiro Manoel Botelho, assim como o seu principal colaborador, o escrito português Eça de Queirós, e outros nomes que, inclusive, colaboravam com a anunciante.

Além dos impressos citados, outras fontes primárias também trouxeram informações acerca do novo empreendimento no período em que

² O presente texto respeita a ortografia das fontes consultadas.

circularam, por exemplo, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1897-1898), a revista francesa *Revue des Revue* (outubro de 1897) e o *Jornal de Recife* (abril de 1899).³

No jornal carioca *Gazeta de Notícias*, a *Revista Moderna* ganhou destaque na publicação de 26 de maio de 1897, aparecendo na coluna “novas publicações”, em meio às novidades literárias e aos anúncios de impressos que se vendiam nas livrarias de todo o país:

“Revista Moderna”

Entre as últimas notícias de Paris uma que deve interessar particularmente aos nossos leitores é a da fundação de uma revista ilustrada destinada ao Brasil e cujo o primeiro número deve ter aparecido naquela cidade no dia 15 do corrente. Essa publicação, que ocupa o meio termo entre o magazine mensal e a ilustração hebdomadária, tem por fim dar em 24 páginas in- 8°. grande uma resenha ilustrada da quinzena, e artigos redigidos de maneira que o leitor se divirta instruindo-se. A empresa está sob direção do senhor M. Botelho. Entre os seus redatores assíduos figura nosso eminente colaborador Eça de Queirós, que vai distrair em proveito dos leitores da revista uma parte da sua atividade quase exclusiva concentrada em trabalhos de longo fôlego. A colaboração literária promete um bom texto. A ilustração num centro artístico de primeira ordem não pode senão dar muito prazer pelos olhos aos leitores da Revista Moderna, que desejamos numerosos como as areias do mar e fiéis constantes como as estrelas do céu. (*Gazeta de Notícias*, 26 maio 1897).

A *Gazeta* ainda reproduziu (prática comum à época), no dia 02 de agosto de 1897, o conto “José Matias”, de Eça de Queirós, publicado pela primeira vez na *Revista Moderna* em 25 de junho de 1897. Continuando com a *Gazeta de Notícias*, este jornal carioca deu grande fôlego à publicação ilustrada de Martinho Botelho, anunciando em seus números o sumário de todos os fascículos da revista que recebia da direção, dando início às publicações a partir do dia 15 de agosto e finalizando-as em 10 de março de 1899.

Na revista *Revue des Revue*, de origem francesa, a *Moderna* também foi apresentada com uma crítica de caráter elogioso, fazendo referência ao número em homenagem ao Eça:

³ Essas fontes podem ser localizadas em versões digitalizadas nos espaços de leitura, como as disponíveis na Hemeroteca Nacional.

Revista Moderna – Esta bela publicação ilustrada em língua portuguesa, que é publicada a cada duas semanas em Paris, sob a direção de M. Botelho, publica uma edição dedicada ao grande romancista Eça de Queirós, o chefe da escola naturalista, um dos mestres do romance, contemporâneo na Europa. (*Revue des Revue*, 01 out. 1897, p. 243).

Verifica-se que Eça de Queirós foi elevado como uma das grandes personalidades das letras portuguesas da atualidade e de todos os tempos na *Revista Moderna* e também na revista francesa *Revue des Revue*, cujo texto finaliza afirmando a grandiosidade do escritor português, intitulando-o “chefe da escola naturalista” e mestre do romance.

Enquanto os periódicos anteriores apresentam uma crítica mais elogiosa, voltada aos escritores e intelectuais que publicaram na revista, o *Jornal de Recife* apresenta outra face da *Moderna*:

Mudou-se o problema, que entra em seu estado normal, pois que o algodão barato importa ao bem-estar da raça humana. Procuramos rapidamente entrar no conhecimento da situação, tão profundamente modificada pela guerra; esse trabalho não nos será difícil avista dos importantes artigos publicados por N. F. Cooking, na *Revista Moderna*. (*Jornal de Recife*, 07 abr. 1899).

Conforme se observa, o *Jornal de Recife* destacou o teor informativo da *Revista Moderna*, mostrando-a como referência na edição de assuntos que também eram do interesse do público do país (Brasil) no período em que circulou, como as questões econômicas, por exemplo.

Reconhecendo ser uma prática comum dos impressos o anúncio de outros que circulavam no mesmo período que o anunciante, cremos que o número de periódicos, revistas e/ou jornais, que publicaram críticas em torno da *Revista Moderna* no final do XIX seja maior do que contabilizamos, isso por conta de haver nas páginas da *Moderna* uma seção que anunciava outros periódicos que circulavam concomitantemente. Contudo, muitos títulos não foram localizados, até onde foi possível averiguar.

3 A *Revista Moderna* na História da Imprensa

A *Revista Moderna* teve seu lugar de destaque nas últimas décadas dos oitocentos, e passou a fazer parte, enquanto periódico, da História da Imprensa, segundo se pode constatar em uma das publicações de uma

renomada pesquisadora da cultura do impresso, cujas produções costumam auxiliar nas pesquisas da História do Livro e da Leitura no Brasil:

A Revista Moderna, impressa em Paris, em 1897, introduzia o que havia de mais avançado em periodismo, primando por elaboradas reportagens, coberturas de acontecimentos marcantes do tempo, geralmente ilustradas com desenhos tomados a partir dos acontecimentos, não se furtando ao sensacionalismo em voga. Como aquele de cena horripilante do incêndio do Bazar da Caridade em Paris, em 4 de maio de 1897, causado por uma lanterna de cinematógrafo. A queda do toldo do pavilhão, como um lençol de fogo, vitimou figuras ‘pertencentes quase todas às camadas superiores, visíveis e decorativas da sociedade’, conforme o registro do jornalista Botelho. Mais que a descrição minuciosa do sinistro, a ilustração em *croquis* estampava uma cena de horror, trazendo corpos em desespero de dor, alguns já incinerados, espetáculo impactante naquelas páginas de mostruário habitualmente ameno e elegante. [...] Entre os méritos da publicação, está o de veicular, pela primeira vez, a obra de Eça de Queirós *A Ilustre Casa de Ramires*, produzida especialmente para figurar em partes naquela revista, a exemplo dos folhetins nos jornais. (MARTINS, 2001, p. 109).

O excerto de Ana Luíza Martins evidencia as técnicas da *Revista Moderna* entre as melhores ilustradas do gênero no final do XIX. A autora aponta também o quanto eram variados os assuntos publicados na revista, bem como a importância dessa revista para a promoção e difusão de textos de prosa de ficção antes das impressões em livros, como foi o caso do romance *A ilustre casa de Ramires*, de autoria do escritor português Eça de Queirós.

Embora este texto tenha oferecido apenas um pequeno recorte da produção da Martins, vale ressaltar que nessa publicação da autora a *Revista Moderna* ocupa um longo capítulo e, dentre os encontrados até o presente momento, se trata do mais abastado material em informações acerca do magazine ilustrado, pois não se basta à exposição de dados acerca da materialidade do impresso, mas também tece um conhecimento aprofundado sobre muitos aspectos de alguns números do periódico.

4 As pesquisas contemporâneas “na e por meio da” *Revista Moderna*

Atualmente a *Revista Moderna* vem ganhando cada vez mais atenção dos pesquisadores brasileiros, tanto para os da área de Letras como para

outros estudiosos, o que faz com que o número de trabalhos com a revista cresça consideravelmente, isso por conta da garantia de ampla possibilidade de investigação. Em nossa pesquisa localizamos, até o momento, três teses de doutorado, três dissertações de mestrado, quinze artigos acadêmicos, dois livros e mais seis materiais que fazem uso da *Revista Moderna* como instrumento de apoio aos estudos da história da imprensa ilustrada, das relações literárias entre Brasil e Portugal, dentre outros temas.

Essas pesquisas têm se utilizado da *Moderna* como fonte secundária. Contudo, localizamos alguns trabalhos acadêmicos em que a revista é o *corpus* principal (ou um dos principais) como, por exemplo, o artigo “As contribuições de Eça de Queirós na Revista Moderna” (SILVESTRE, 2006), as dissertações de mestrado “A Revista Moderna (1897-1899): Uma publicação brasileira em Paris” (JARDIM, 2000) e “A figuração da personagem nas crônicas de Eça de Queirós: Textos de imprensa da Revista Moderna” (BROGUEIRA, 2013), assim como a tese de doutorado intitulada “Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista luso-brasileira chamada Moderna (1897-1899)” (PINHEIRO, 2012).

Outras fortunas críticas acadêmicas localizadas referem-se às edições de número nove e dez da *Revista Moderna*. Esses números aludem à biografia sobre Machado de Assis, escrita por Magalhães de Azeredo, no número nove da revista, e à edição completa de homenagem a Eça de Queirós, no número dez.

O número dez, talvez em resposta ao texto de Magalhães Azeredo, dedica toda a edição a Eça de Queirós, com vários artigos e uma fotografia. A rivalidade entre os escritores, já presenciada por ocasião da publicação de *O Primo Basílio* (1878) na imprensa brasileira, talvez explique essa coincidência ou não, uma vez que a edição em homenagem a Eça já estava prevista desde o número dois da revista.

O certo é que o texto de Magalhães de Azeredo inicia exaltando Machado de Assis: “Celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literária” (*Revista Moderna*, 1897, n. 9, p. 35). Azeredo eleva a produção de Machado à universalidade ou mesmo à supremacia de toda a construção literária, comparando desde os textos poéticos e em prosa aos grandes nomes da literatura mundial. Para ele, Machado é a completude do estilo e da singeleza da literatura:

Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua própria obra. Vasta é ela, e vária, distribuída em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quase todas as « províncias da literatura », como antigamente se dizia. Cultivar a poesia, o conto, o romance, o teatro, a crítica, o folhetim, a crônica, tudo isso galhardamente; sendo pelo estilo um artista acrisolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma espécie de filósofo sem presunções, que, descuidoso de nos dar o seu sistema completo, nos dá tão só fragmentos soltos de filosofia; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existência [...] (*Revista Moderna*, 1897, n. 9, p. 35).

No texto, o estilo e a ironia da produção machadiana são comparados ao de Sterne, de H. Heine e de Anatole France, sempre superado pela graciosidade e profundidade dos personagens e linguagem inerentes ao brasileiro. Nem mesmo Eça escapa à comparação, pois, assim como Machado é um “demolidor de ilusões, aquele é um lusitano mordaz e “violento” (*Revista Moderna*, 1897, n. 9, p. 36).

[...] Portugal tem hoje o seu grande humorista: Eça de Queiroz; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus períodos, como Machado de Assis na mansidão quase ingênua com que expõe os seus trechos de doutrina. (*Revista Moderna*, 1897, n. 9, p. 36).

O texto finaliza afirmando que a grandiosidade e imortalidade de sua obra, além dos tipos muito bem caracterizados e do esmero com a linguagem, devem-se também:

a imensa vantagem de partilhar todos os gozos espirituais d’este século tão rico d’ eles, sem ter saído nunca do seu recanto sul-americano; pois uma fina e rara intuição substitui na sua mente o proveito das viagens; de tal modo que o meio nacional, ou antes fluminense, dominante nas suas obras, adquire, através de tão especial temperamento, sem perder a sua exatidão, uma peregrina transcendência que o tornaria interessante para os estrangeiros como para nós mesmos. (*Revista Moderna*, 1897, n. 9, p. 37).

Enquanto o “filósofo” Machado de Assis recebeu uma crítica de somente três páginas, embora merecesse quase toda a edição, conforme Magalhães de Azeredo, Eça foi elevado como uma das grandes personalidades das letras portuguesas da atualidade e de todos os tempos, num volume integral.

O certo é que a publicação da crítica sobre a obra prosaica e poética de Machado o torna conhecido, em Portugal, como um escritor não apenas de poesia, mas também como um exímio cultivador de todas as formas literárias, uma vez que Machado era muito mais conhecido como poeta do que como prosador. Prova disso é que na *Brasil-Portugal*, por exemplo, revista para qual o escritor também colaborou, aparecem apenas poemas e não os contos ou romances.

O número dedicado a Eça começa com um texto de M. Botelho, que, logo no início de sua apresentação, parece revidar a comparação entre Eça e Machado feita por Azeredo ao afirmar que:

Não temos de modo algum a pretensão ingênua do fazer figurar as nossas linhas como um prólogo mal colocado aos nomes festejados dos grandes mestres da poesia e da prosa, que são os únicos competentes para se pronunciarem sobre o mestre por excelência. (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 5).

O excerto enfatiza que a superioridade e sabedoria de Eça de Queirós colocaram a revista entre as melhores ilustradas do gênero tanto em Portugal quanto no Brasil. Esse motivo justifica uma edição especialmente organizada para homenagear o criador literário e colaborador permanente da *Revista Moderna*.

Assim, nesse fascículo, muitos escritores e críticos se reuniram para exaltarem a grandeza de Eça: Eduardo Prado, Maria Amália Vaz de Carvalho, Xavier de Carvalho, Oliveira Lima, Conde d'Arnos, Jr Batalha Reis, Trindade Coelho, Monteiro Ramalho, Conde de Ficalho, Magalhães de Azeredo, João da Câmara, Jayme de Séguier, Alberto Bramão, Henrique Lopes de Mendonça, Conde de Sabugosa, Mariano Pina, José Pessanha, Luiz de Magalhães, Alfredo da Cunha, Anthero de Figueiredo, Henrique de Vasconcellos, Domício da Gama, José Sarmiento, Abel Botelho, Câmara Lima, Raymundo Corrêa, Domingos Guimarães, J. Pereira de Sampaio, Coelho de Carvalho e Luiz Serra.

Enquanto o texto de Azeredo elenca critérios estéticos e demonstra, por meio de excertos da obra de Machado, a superioridade daquele estilo, as críticas feitas a Eça são de cunho biográfico e laureador. Até mesmo aspectos da grafologia são suscitados para se afirmar que ordem e imaginação estão presentes na escrita do autor português, uma vez que “a ordem é a condição imperiosa da beleza, porque ela se chama também harmonia e é a própria beleza” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 9). De acordo com essa “crítica

grafológica”, a realidade do romance de Eça está no bem pintar, na ordem que inspiraria a imaginação e criaria os personagens de maneira tão realística, postos em relevo pelo traço bem feito das linhas lançadas no papel.

Mesmo a crítica que foi escrita por Azeredo a Eça de Queirós é muito mais de caráter elogioso e pessoal do que de caracterização do estilo literário, como a atribuída a Machado de Assis. Nesse sentido, o crítico brasileiro menciona, muito polidamente e eximindo-se de qualquer queixa, “por que Eça é, no Brasil, ‘tão lido e prezado’ como em sua própria pátria” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 19).

Somente em mais da metade do texto é que Azeredo começa a enumerar algumas características das obras de Eça ao afirmar a beleza com que este constrói os tipos em seus romances, chegando a compará-los com os personagens de Molière: “Outros, o Primo Bazilio, e o conselheiro Acácio, não são apenas tipos, têm a natureza mais vasta de caracteres, como Tartufo, como Don Juan, e são imortais como eles” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 19).

As edições citadas foram, inclusive, motivo do envio de correspondências do próprio escritor brasileiro Machado de Assis, como a que remeteu ao crítico literário José Veríssimo:

Para: JOSÉ VERÍSSIMO

Rio [de Janeiro], 1º de dezembro de 1897.

Meu caro José Veríssimo.

[...] O Paulo já lhe escreveu que as duas linhas que antecedem os versos do Magalhães de Azeredo tragam a minha assinatura. Este escreveu me anunciando um ensaio a meu respeito no último número da *Revista Moderna*. Sobre a mesma matéria publicou anteontem um livro de Silvío Romero; vou lê-lo. [...]

Adeus meu caro José Veríssimo, meus respeitos à sua Excelentíssima Senhora e saudades do velho.

M. de Assis.

Essa correspondência, além de outras de Machado falando sobre a *Revista Moderna*, encontra-se entre as reunidas em uma publicação da Academia Brasileira de Letras, intitulada “Correspondência de Machado de Assis: tomo III, 1890-1900”, publicada no ano de 2011. No mesmo ano, Cintia Bravo de Souza Pinheiro publica sua pesquisa “A Revista Moderna: homens, fatos e retratos de um século que termina”, nos anais da I Jornada Oitocentista UERJ/USP:

Mesmo com a participação efetiva de Eça de Queirós, tão querido entre os leitores do Brasil e de Portugal, a *Revista Moderna* não conseguiu o sucesso esperado, inúmeras questões podem estar associadas ao seu repentino término. Em pleno domínio dos valores capitalistas a revista tornava-se, tanto para os seus leitores, quando para seus editores uma empresa muito cara (a revista avulsa custava 2 francos e a assinatura chegava a 40 francos anuais). (PINHEIRO, 2011, p. 50).

Nota-se que Cintia Pinheiro reconhece a grandiosidade da principal atração da revista, isto é, o colaborador Eça de Queirós, mas chama atenção ao fato disso não ter garantido a permanência prolongada a um empreendimento de tão alto custo como a *Revista Moderna*.

Para esse artigo foram analisadas apenas algumas fontes, mas ainda há uma série de outras que tratam da *Revista Moderna* e que não foram aqui citadas, tendo em vista que há ainda um logo percurso a fim de esgotar essa fortuna crítica. Entretanto, por meio da constituição da fortuna crítica apresentada até aqui, se pôde ter uma ideia de como vem sendo abordada a *Revista Moderna*, desde seu aparecimento no século XIX até os dias atuais.

Considerações finais

Com a proliferação das ilustrações no final do século XIX, as revistas ilustradas tomaram lugar entre os principais veículos de difusão da informação e da imagem, conquistando o mercado e seus públicos. Em meio às ilustradas da época, a *Revista Moderna* se apresentou como “um novo tipo de publicação”, circulando pela Europa e pelo Brasil nas últimas décadas dos oitocentos, sob a efervescência das transformações provocadas pela expansão capitalista, industrial e urbana que marcaram os vários espaços e períodos dessa época.

Com uma edição mensal, a *Revista Moderna* iniciou suas atividades em 15 de maio de 1897 e a redação e administração localizavam-se em Paris. Embora o destino da referida revista fosse o Brasil, conforme mostra o editorial de estreia, o periódico conectava culturalmente Portugal, França e Brasil, funcionando como um correio que prestava o serviço de mostrar todo um Mundo a outro Mundo.

A *Revista Moderna* pretendia servir como um dos símbolos da modernidade Francesa no Brasil. Por este motivo, sua beleza artística impressionava não só pela quantidade e qualidade das imagens, mas

também pela qualidade e valor textual ao tratar de assuntos que apontavam à aceleração e brevidade dos acontecimentos.

Logo na capa, a publicação apresentava o desejo de tomar lugar entre os símbolos da modernidade, apresentando aspectos da “beleza” e da “perfeição”. Assim, abordava uma variedade de assuntos, dedicando-se especialmente aos temas que estavam em voga no final do século XIX, oferecendo aos leitores, por exemplo, as matérias sobre o contexto da elite europeia difundidas pela imprensa jornalística oitocentista.

A *Revista Moderna* se constitui como um rico material para o conhecimento dos diversos sujeitos históricos envolvidos na produção, divulgação e circulação da cultura por meio dos impressos. Dessa maneira, o trabalho de constituição de uma fortuna crítica da revista acabou por revelar, entre outras coisas, que, enquanto instrumento difusor de cultura, que permite a visualização do cenário intelectual do final do século XIX, as críticas encontradas assumem um caráter mais elogioso e têm focado, principalmente, nos atores sociais que apareceram nessas páginas.

Embora tenha oferecido importantes contribuições às artes em geral, a *Revista Moderna* tem sido estudada, especialmente, nos contextos da crítica literária, particularmente quando se trata de pesquisar Eça de Queirós *versus* Machado de Assis, por conta de a revista ter publicado uma matéria na qual aparece uma comparação entre os dois escritores.

Isto posto, infere-se que, de modo geral, a fortuna crítica em torno da *Revista Moderna*, está, sobremaneira, pautada na recepção da revista pelo público brasileiro, no que fora publicado nessas páginas ilustradas e/ou a respeito de quem nelas publicou, por exemplo, a grande atração dos números do periódico, o escritor Eça de Queirós, além do mais ilustre colaborador brasileiro, Machado de Assis.

Referências

ABREU, Márcia. Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, n. 1, p. 115-127, 2011.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; organização e comentários de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

BARBOSA, Marinalva. *História Cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BROGUEIRA, Dilar Trancas Mariano. *A figuração da personagem nas crônicas de Eça de Queirós: Textos de imprensa da Revista Moderna*. 125 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

JARDIM, Alexandra Alba Picone. *A Revista Moderna (1897-1899): Uma publicação brasileira em Paris*. 299 f. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

PINHEIRO, Cíntia Bravo de Souza. *A Revista Moderna: homens, fatos e retratos de um século que termina*. In: I Jornada Oitocentista UERJ-USP, Rio de Janeiro, 2011, *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2011. p. 45-54.

PINHEIRO, Cintia Bravo de Souza. *Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista luso-brasileira chamada Moderna (1897-1899)*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Júlio Joaquim Rodrigues da. *A Edição Quinzenal Ilustrada (1897-1898): a experiência editorial do Jornal do Brasil em Portugal*. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori (org.). *Circulação transatlântica dos impressos: Conexões*. Campinas: UNICAMP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2014. p. 205-211. Disponível em: https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre. Acesso em: 01 mar. 2019.

SILVESTRE, Fernanda Munhão Martins. *As Contribuições de Eça de Queirós na Revista Moderna*. *AL*, Assis, v. 1, p. 1, 2006.

Recebido em: 25 de março de 2019.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2019.